

# XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



## PEABIRU: CAMINHOS DE PARA UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Matheus da Silva Martins<sup>1</sup>

Aline Gobetti Oliveira<sup>2</sup>

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

Eixo 01 - Poéticas, interculturalidade, infâncias e Educação

A educação constitui elemento essencial das sociedades humanas, configurando-se como um processo que possibilita o desenvolvimento de uma consciência crítica e emancipadora dos sujeitos (Freire, 2022). Compreendida como prática transformadora, ela nos convoca ao diálogo com múltiplas cosmologias e ao reconhecimento das infâncias em suas diversas expressões e formas de existência. Inspirando-se na pedagogia libertadora de Paulo Freire (1996), entende-se que ensinar e aprender configuram-se como atos dialógicos, fundamentados na troca, na escuta sensível e na construção coletiva de saberes. Nessa perspectiva, as poéticas que emergem das infâncias — expressas em canções, narrativas orais e brincadeiras — manifestam-se como expressões artísticas e, ao mesmo tempo, como epistemologias vivas que revelam modos próprios de compreender o mundo.

O Grupo de Pesquisa<sup>3</sup> Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade integra a linha de pesquisa Linguagem, Experiência Intercultural e Educação (LEIE), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). O grupo desenvolve pesquisas, ações e reflexões junto a comunidades indígenas e quilombolas, tendo como eixo articulador a educação e suas dimensões interculturais. As atividades do grupo são realizadas em contextos escolares e territoriais, buscando promover o diálogo entre saberes e práticas educativas. Nós, integrantes do grupo, propomos uma abordagem colaborativa e participativa. Além disso, desenvolvemos ações voltadas à formação de professores sobre as temáticas indígenas e quilombolas, com o propósito de contribuir para a qualificação da educação escolar e das relações étnico-raciais, conforme previsto na Lei nº 11.645/2008. Os resultados dessas experiências têm se materializado em artigos, livros, comunicações científicas e cursos, reafirmando o

1 Matheus da Silva Martins 1.Doutorando, bolsista PROSUC/CAPES (cód. 01) do Programa de pós-graduação em Educação na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), na Linha de pesquisa: Linguagem, experiência intercultural e educação: (LEIE), no grupo de pesquisa: Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade. E-mail: matheusmartins@mx2.unisc.br Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-8881-7781>>2

2 Aline Gobetti Oliveira Mestre em Psicologia no programa de pós-graduação em Psicologia profissional. Grupo de pesquisa: Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade. E-mail: gobetti@mx2.unisc.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2462-1763>

3 Trata-se de um grupo do CNPq, coordenado pelas professoras Maria Aparecida bergamaschi da UFRGS e Ana Luisa Teixeira de Menezes, da UNISC

4 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil – Código de Financiamento 001

compromisso com a interculturalidade e a interciência como princípios orientadores da prática educativa e investigativa (PEABIRU, 2025).

A atuação do grupo, também se dá a partir de uma perspectiva intercultural, tendo como fundamento uma relação dialógica entre pessoas, territórios e saberes. Aproximar-se da interculturalidade sob um viés educativo, implica reconhecer e valorizar as propostas pedagógicas indígenas e quilombolas como dimensões essenciais na construção de uma educação contracolonizadora, que rompe com paradigmas hegemônicos e promove o diálogo entre diferentes epistemologias e modos de existir. Entre os elementos centrais do método está o Círculo de Cultura, inspirado nas propostas de Paulo Freire. Esse espaço educativo acolhe diferentes subjetividades e saberes, criando um ambiente propício ao diálogo solidário e coletivo.

O círculo não apenas possibilita a produção de conhecimento, mas busca superar os condicionamentos histórico-sociais que oprimem grupos e classes. Trata-se de um movimento ético-político pela liberdade humana e pela superação da alienação nas relações sociais e de produção. O diálogo, nesse contexto, é mais que técnica: é palavra-ação, comprometida com aquilo que denuncia ou anuncia, constituindo-se como ferramenta de emancipação (Loureiro; Franco, 2012). Dessa forma, o trabalho realizado no Peabiru se configura como um percurso de investigação selvagem **na educação**, no sentido de romper com as normatividades estabelecidas e abrir-se à escuta, à presença e à coabitação com outros modos de ser e de saber. Mais do que um método, trata-se de um posicionamento ético diante do mundo e da educação (Fuerstenau, 2025).

## **CONTRACOLONIZAÇÃO**

O conceito de contracolonial, formulado por Santos (2015), refere-se a uma postura ativa de resistência e enfrentamento ao colonialismo. Trata-se de um processo que não parte da condição de colonizado, mas da afirmação de uma existência própria, que se contrapõe às tentativas de dominação. O contracolonialismo não se restringe a uma formulação teórica, mas constitui uma prática cotidiana enraizada em saberes orgânicos, circulares e relacionais, em oposição ao conhecimento linear, sintético e de replicabilidade, característico da racionalidade ocidental.

De acordo com Santos, conhecido como Nêgo Bispo (2015), torna-se necessário **descolonizar** o pensamento, reconhecendo as encruzilhadas culturais e as ancestralidades que estruturam o cotidiano das crianças na educação, sobretudo aquelas pertencentes aos povos originários indígenas e às comunidades quilombolas. O processo de descolonização na educação pretende ser um movimento diferente da proposta de educação eurocêntrica.

A educação eurocêntrica atua como prática colonizadora ao desterritorializar os estudantes, negando-lhes o acesso a conhecimentos e memórias historicamente ligados aos territórios e às comunidades tradicionais, indígenas e quilombolas. Em contraposição a educação contracolonizadora é transformadora desde sua base, , “A educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de uma farsa”( Freire, 2022, p. 127). A escola ocidentalizada, centrada na mente e na razão, reproduz silenciamentos e ignora saberes ancestrais e formas de expressão que escapam

à lógica eurocêntrica. A educação bancária, criticada por Freire (1996), perpetua a opressão; por isso, práticas pedagógicas interculturais devem reconhecer a criança como sujeito histórico e criador, valorizando suas múltiplas linguagens.

Santos (2015) destaca que uma educação emancipadora exige incorporar as cosmovisões dos povos que resistem à hegemonia colonial, nas aldeias, periferias e comunidades quilombolas. Como lembra Achinte (2017), somos povos de trajetória, luta e reexistência; educar no Brasil implica um esforço ético e político de valorização das epistemologias próprias. Assim, a defesa dos territórios, das formas de nomeação e dos modos de vida sustentados na relação com a natureza e a ancestralidade é fundamental (Santos, 2015). Segato (2012, p. 216) lembra que “o corpo é o primeiro território a ser conquistado”, revelando que a desterritorialização se inscreve nos corpos, afetando os processos de aprendizagem, pertencimento e resistência.

Enquanto a descolonização busca desfazer a lógica já imposta pelo colonialismo, o contracolonialismo atua como um antídoto, impedindo a plena instalação dessa lógica. Para Santos (2015), nomear e autodenominar-se é um dos aspectos centrais da contracolonização, pois a colonização começa, muitas vezes, pela imposição de nomes e categorias. A recusa dessa imposição e a afirmação de identidades próprias representam, assim, um ato político e epistemológico de resistências. A lógica do colonialismo é uma lógica eurocêntrica, colonizadora e bancária.

## **Considerações finais**

A educação como prática da liberdade (Freire, 1967) orienta-se pela formação cidadã e pela valorização da interculturalidade, reconhecendo o outro como essencial na construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, Fleuri (2022, p. 247) lembra que “a construção da cidadania apresenta-se como um processo histórico complexo, porque envolve o desenvolvimento de múltiplas estratégias socioculturais, em suas diferentes dimensões (linguísticas, educacionais, políticas, epistêmicas...)”.

As experiências realizadas pelo Grupo de Pesquisa Peabiru na educação básica concretizam essa perspectiva, ao promover encontros entre escolas, estudantes e pensadores que afirmam outros modos de existir e conhecer, como Nêgo Bispo, pensador quilombola; Ailton Krenak, pensador indígena; e Rita Segato, entre outros. Por meio de rodas de conversa, práticas dialógicas e trocas interculturais, o grupo fomenta uma educação contracolonizadora, que reconhece a integralidade do ser e a inseparabilidade entre corpo, história e território. Como afirma Marilicán (2023), “o corpo-território é a continuidade da terra, pois somos feitos dela”. Assim, quando o território é violado, o corpo também sente, porque carrega em si as memórias e as marcas da terra. De modo convergente, Krenak (2019, p. 56) recorda que “o território não está fora de nós. O território é a nossa própria existência”.

Dessa forma, pensar a educação a partir do corpo-território é compreender que ensinar e aprender são gestos de pertença, resistência e cuidado. A contracolonização, nesse horizonte, é a prática educativa que nos devolve à terra e, com ela, à possibilidade de existir em relação, reciprocidade e liberdade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Peabiru; Educação; Contracolonização; Interculturalidade.

## REFERÊNCIAS

ALBÁN ACHINTE, Adolfo. **Prácticas creativas de re-existencia: más allá del arte... el mundo de lo sensible.** Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2017.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação intercultural e formação de educadores** [recurso eletrônico] / Reinaldo Matias Fleuri, João Pessoa: Editora do CCTA, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Editora Paz e Terra, 1967

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** 53ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FUERSTENAU, Ana Flávia. **Pesquisa selvagem e educação: caminhos com os indígenas no Peabiru.** 2025. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2025. Disponível em: <http://repositorio.unisc.br:8080/jspui/bitstream/11624/3978/1/Ana%20Fl%C3%A1via%20Fuerstenau.pdf>.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; FRANCO, Jussara Botelho. Aspectos teóricos e metodológicos do círculo de cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental. **Ambiente & Educação**, v. 17, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/2422/1666>. Acesso em 10 out. 2025.

MARILICÁN CONTRERAS, María Fernanda et al. Reflexiones teórico-metodológicas sobre el proceso investigativo con personas Mapuche en Chile. Athenea Digital. **Revista de pensamiento e investigación social**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. e3292, 2023. DOI: 10.5565/rev/athenea.3292. Disponível em: <https://atheneadigital.net/article/view/v23-n2-marilican-rojas-favi-et-al>. Acesso em: 26 maio 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonialismo, quilombos: modos e significados.** Belo Horizonte: Mazza, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023. 112 pp.

SEGATO, Rita Laura. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial.** In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Belo Horizonte: Autêntica, 2012b. p. 277-298.